

VERDADE E FANTASIA EM FREUD*

Marcos Chedid Abel

Doutor em
Psicologia, mestre
em Psicologia
Clínica, psicólogo.
Docente no Centro
Universitário de
Brasília (UniCEUB).
Psicólogo clínico no
Centro de Atenção
à Saúde Mental
Anankê.

RESUMO: Trata-se de abordar as relações entre verdade e fantasia no pensamento de Sigmund Freud e suas implicações no trabalho psicanalítico. Apresenta-se a aproximação progressiva que se opera entre verdade e fantasia em suas elaborações teóricas. Demonstra-se que a fantasia, a princípio considerada apenas como obstáculo à verdade, passa a integrar a verdade buscada no tratamento. Argumenta-se que a verdade histórica na psicanálise é composta pela verdade material e a fantasia de desejo. Conclui-se que Freud, em sua prática, passa a visar, sobretudo, à reconstrução ou à construção com o analisante de sua verdade histórica, mais como poeta do que propriamente a descobrir a verdade material, como arqueólogo.

Palavras-chave: Freud, psicanálise, verdade histórica, verdade material, fantasia.

ABSTRACT: Truth and fantasy in Freud. This essay discusses the relations between truth and fantasy in the thought of Sigmund Freud and its implications in the objectives of the psychoanalytical work. It presents the gradual approach that is operated between truth and fantasy in his theoretical elaborations. It demonstrates that the fantasy, initially considered only as obstacle to the truth, becomes component of the truth searched in the treatment. It argues that the historical truth in psychoanalysis is composed by the material truth and the fantasy of desire. It concludes that Freud, in his practice, starts to aim at, over all, the reconstruction or the construction with the analysand of his story, as poet, than to discover his history, as archaeologist.

Keywords: Freud, psychoanalysis, historical truth, material truth, fantasy.

* Trabalho financiado pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), por meio de bolsa de pesquisa.

“E, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade — isto é, no reconhecimento de uma realidade — e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano.”

(FREUD, 1937a/[200-], VII)

Trabalho aqui a verdade em Sigmund Freud (1856-1939) com o objetivo geral de investigar as conexões entre verdade (*Wahrheit*) e fantasia (*Phantasie*). Verdade compreendida como aquilo que Freud busca alcançar no tratamento psicanalítico, cujo assentimento e integração, por parte do analisante, são condições necessárias para modificações no funcionamento psíquico, isto é, em seu modo de ser.

Os objetivos específicos são, a partir da teoria da sedução, acompanhar as modificações no papel da fantasia em relação à verdade, até a diferenciação ulterior, apresentada em apenas dois textos, a partir de 1935, entre verdade histórica e verdade material, como também as consequências dessas alterações nos objetivos do tratamento psicanalítico.

Em Freud, a verdade tem importância fundamental, como é indicado pela epígrafe acima, compreendida em sua definição tradicional como correspondência a uma realidade, tal como manifestado quando reafirma sua filiação à *Weltanschauung* científica (1933 [1932]/[200-], XXXV). Mas a questão é a que realidade corresponde à verdade em psicanálise.

A verdade se apresenta como problema para Freud por duas vias: a *verdade da psicanálise*, da teoria em sua validade epistemológica; e a *verdade na psicanálise*, na prática em sua eficiência ou eficácia. Na teoria, persevera em manter a psicanálise no campo da ciência natural, tendo como ponto de apoio a fonte biológica da pulsão na sobredeterminação etiológica. Na prática, parte de uma concepção de causalidade materialista, chegando, de maneira involuntária, a uma perspectiva idealista, com proeminência ascendente, em seu percurso, da realidade psíquica sobre a realidade material.

Nesse ensaio trato, principalmente, da verdade na psicanálise, em suas relações com a fantasia. Em primeiro lugar, da fantasia como obstáculo ao alcance da verdade; em seguida, da fantasia compondo a verdade; por fim, da diferença entre verdade histórica e verdade material.

FANTASIA COMO ANTEPARO À VERDADE

A verdade é o material com que Freud busca suscitar a convicção do analisante para produzir efeitos de transformação no funcionamento psíquico. Entretanto, no caminho em direção à verdade, Freud se depara com o obstáculo da fantasia.

A concepção da fantasia como defesa está presente desde o período da teoria da sedução, que precede a célebre carta a Fliess, de 21/9/1897, na qual declara

que “não acredito mais em minha neurótica” (MASSON, 1985/1986, p.265). Pois, quando Freud ainda acreditava nas suas neuróticas, a fantasia já era concebida como obstáculo ao alcance da suposta cena real de sedução, como colocado em outra carta, de 2/5/1897:

“[...] adquirir uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas [do passado]. A algumas se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimação dos fatos, embelezamento deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal.” (MASSON, 1985/1986, p.240, grifo nosso)

Concepção também presente no manuscrito, anexo a essa carta, intitulado *A arquitetura da histeria*:

“O objetivo parece ser o de alcançar as cenas [sexuais] mais primitivas. Em alguns casos isso se consegue diretamente, porém, em outros, somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem, simultaneamente, à tendência a aperfeiçoar as lembranças e à tendência a sublimá-las.” (MASSON, 1985/1986, p.241, grifo nosso)

Vemos que, já nessa fase da teoria, as fantasias se constituem como algo a ser atravessado, para que se chegue às lembranças traumáticas. A fantasia situa-se entre a análise e as cenas passadas de sedução que são buscadas. Questão que é retomada na carta de 25/5/1897, em manuscrito anexo: “as fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas” (MASSON, 1985/1986, p.248, grifo nosso). Nesse mesmo texto, as fantasias são consideradas como ficções inconscientes, formadas por “amalgamação e distorção”, isto é, as lembranças das cenas originais são falsificadas pela fragmentação que incide, sobretudo, nas relações cronológicas. “Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia” (Idem).

Nessa perspectiva, a fantasia é uma formação psíquica defensiva, como a amnésia e as lembranças encobridoras, abordadas em textos como *O mecanismo psíquico do esquecimento* (1898/[200-]) e *Lembranças encobridoras* (1899/[200-]). No primeiro trabalho, apresenta o exemplo em que os nomes de Botticelli e Boltraffio emergem no lugar de Signorelli, que está associado à morte e à sexualidade. No segundo texto, as lembranças das flores amarelas, dentes-de-leão, associadas ao

vestido amarelo de sua primeira paixão, sua prima, e às fantasias de casamento com esta, que encobriam o desejo de deflorá-la; como também a lembrança do pão exageradamente saboroso representando fantasias ligadas a uma vida profissional mais prosaica, mais “pão com manteiga”.

Após Freud fundamentar a etiologia das estruturas psíquicas na teoria da libido e nos mecanismos de defesa do Eu, a perspectiva da fantasia como defesa continua presente. No trabalho com o Homem dos Lobos (1918 [1914]/[200-]), última das grandes análises publicadas, considera que as lembranças referidas por este de tentar ver a irmã despida eram, na verdade, fantasias que “destinavam-se a apagar a lembrança de um evento que mais tarde pareceu ofensivo à autoestima masculina do paciente, e atingiram o objetivo colocando uma inversão imaginária e desejável em lugar da verdade histórica” (III). Na reconstrução que Freud realiza da história, apresenta o motivo da distorção da realidade. “De acordo com essas fantasias, não era ele que havia desempenhado um papel passivo em relação à irmã, mas, pelo contrário, fora agressivo, tentara vê-la despida, fora rejeitado e punido, e iniciara, por essa razão, o comportamento colérico do qual a tradição familiar tanto falava.” (III)

Freud compara essas fantasias com as “lendas por meio das quais uma nação que se tornou grande e orgulhosa tenta esconder a insignificância e o fracasso dos seus primórdios” (III). Nessa perspectiva, as fantasias são lendas pessoais, por meio das quais o sujeito altera seu passado, sua história. A fantasia é uma barreira interpondo-se entre a análise e a verdade buscada por Freud.

Temos, portanto, desde o período da teoria da sedução, e prosseguindo nos desenvolvimentos teóricos ulteriores, Freud considerando a fantasia como anteparo frente às experiências e motivos realmente importantes na etiologia, ocultados por um disfarce fictício. A fantasia tem o status de obstáculo, interpondo-se entre a análise e o objetivo de Freud: chegar à verdade das lembranças traumáticas.

FANTASIA COMO COMPONENTE DA VERDADE

Na teoria da sedução, a fantasia já era concebida, em sua função de defesa, como passível de produzir sintomas. Pois, como colocado em carta a Fliess, de 25/5/1897, o aumento da intensidade de uma fantasia defensiva poderia desencadear o recalque e produzir, por consequência, um sintoma (MASSON, 1985/1986, p.248). Aspecto quantitativo, referente à intensidade de investimento na representação, cuja importância permanecerá na teoria etiológica como condição necessária para o desencadeamento da defesa.

Contudo, após 1897, a fantasia também ganha em importância na composição do sintoma, como fantasia de desejo. Por exemplo, ao analisar a tosse nervosa de Dora (1905 [1901]), Freud coloca que:

“Segundo uma regra que eu pudera confirmar repetidamente pela experiência, mas que ainda não me atrevera a consolidar num princípio geral, o sintoma significa a representação — a realização — de uma fantasia de conteúdo sexual, isto é, uma situação sexual. Melhor dizendo, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual, enquanto para os outros significados não se impõe tal limitação do conteúdo.” (O quadro clínico)

Os sintomas histéricos “são a expressão de seus mais secretos desejos recalcados” (1905 [1901], Notas preliminares), são “a atividade sexual do doente” (1905 [1901], Posfácio).

Temos, portanto, a fantasia passível de um duplo papel: como impedimento fictício ao acesso à verdade insuportável, contra a qual a defesa foi erigida; e como verdade imaginária rechaçada, cujo retorno compõe o sintoma.

A partir do caso do Homem dos Lobos (1918 [1914]/200-), a fantasia, na modalidade primeva (*Urphantasie*), passa a também poder ter função de cena primeva (*Urszene*), na etiologia do quadro clínico, provocando o recalque primevo (*Urverdrängung*) e a fixação. Até então, Freud não considera que a fantasia tenha esse papel, que estaria restrito à defesa e à formação do sintoma. Essa posição de Freud em relação à fantasia é patente em sua correspondência com Carl Jung (1875-1961), que, em 1911, está envolvido na investigação das fantasias inconscientes na etiologia a ponto de dizer, em carta de 08/05, que “as formas manifestas das fantasias inconscientes me devoram vivo” (McGUIRE, 1974/1976, p.482). Enquanto Freud, de sua parte, considera, em 15/06, que “sempre que o encontrei, o que o sistema [de fantasias inconscientes] produzia não era mais importante do que a etiologia e os motivos e as recompensas reais da vida” (Idem, p.491). Ou seja, a fantasia não seria mais importante que a fixação da libido, o evento — a frustração (*Versagung*) iniciada pela instalação ou suspensão de uma privação (*Entbehrung*) — levando à regressão do investimento libidinal, à geração de conflito, ao desencadeamento da defesa e à solução de compromisso manifesta no sintoma, mantido pelo ganho primário interno econômico e o ganho secundário exterior.

De fato, constata-se que até o caso do Homem dos Lobos (1918 [1914]/[200-]), na investigação etiológica da causa específica e da causa desencadeante, a busca pela cena real traumática, base da teoria da sedução, prossegue na teoria da sexualidade infantil. Entretanto, a cena não mais como introdutora da sexualidade, mas despertando e intensificando de maneira traumática a excitação sexual, tal como havia sido suposta nas análises de Dora e Hans — cena que passa a ser a do coito parental. Cena que tem importância para Freud, porque “o fato de uma criança em idade muito precoce escutar os pais copularem, pode desencadear sua primeira excitação sexual e [...] esse acontecimento pode, devido a seus efeitos

posteriores, agir como ponto de partida para todo o desenvolvimento sexual da criança” (FREUD, 1925).

Em Dora (1905 [1901]/[200-]), a cena é suposta ter sido ouvida e participado na revulsão de sua sexualidade, aos oito anos, na passagem da masturbação à dispneia:

“Os atos sintomáticos e outros sinais de Dora forneceram-me boas razões para supor que a menina, cujo quarto era contíguo ao dos pais, teria entreouvido uma visita noturna do pai a sua mulher e escutado a respiração ofegante do homem (aliás, habitualmente entrecortada) durante o coito. As crianças, nesses casos, pressentem o sexual nesse ruído insólito. A rigor, os movimentos expressivos da excitação sexual já se acham prontos nelas como mecanismos inatos. Indiquei, anos atrás, que a dispneia e as palpitações da histeria e da neurose de angústia são apenas fragmentos isolados do ato do coito, e em muitos casos, como no de Dora, pude reconduzir o sintoma da dispneia, da asma nervosa, à mesma origem causal: *ao som entreouvido da relação sexual entre adultos*. Sob a influência da excitação concomitante experimentada nessa ocasião, é perfeitamente possível que tenha sobrevivendo uma *reviravolta na sexualidade da menina, substituindo sua inclinação para a masturbação por uma inclinação para a angústia*.” (O primeiro sonho, grifo nosso)

Em Hans (1909/[200-]), a cena do coito parental é conjecturada também ter sido ouvida e incidido na transição do anseio libidinal por sua mãe à angústia, aos quatro anos e nove meses. Freud suspeita que “*havia alguma lembrança agitando-se na mente da criança, lembrança de ter observado uma cena de relação sexual entre seus pais no quarto destes*” (Discussão, II, grifo nosso). Apesar do pai de Hans haver afirmado a Freud que “*não tenho nenhuma evidência direta de ele por acaso ter ouvido, como o senhor supõe, seus pais tendo relações sexuais*” (Caso clínico e análise).

Na análise do Homem dos Lobos (1918 [1914]/[200-]), Freud buscará verificar a existência material da cena do coito parental, suposta em Dora e Hans, mas, de maneira diversa à destes, a cena teria sido vista e não ouvida, o que talvez indique a avidez de Freud de, nesse caso, obter uma evidência. Esta cena teria acelerado em Pankejeff “os processos de amadurecimento sexual” (1918 [1914]/[200-], IX). Entretanto, ao final da análise, é discutida a realidade da cena, seu estatuto de verdade.

As questões centrais giram em torno dos dois tempos do trauma. Quanto à realidade da cena no primeiro tempo, Freud propõe duas soluções: a) a cena foi vista e de fato se tratava de cópula parental; ou b) a cena não foi vista e se tratava de traços de memória sem sentido sexual em sua origem. Com respeito ao segundo tempo, a significação sexual da cena, Freud postula duas possibilidades:

a) a significação foi devida a conhecimento obtido através da experiência; b) a significação foi devida a um esquema imaginário filogenético.

Sobre o primeiro tempo, chega à decisão de que não importa se a cena ocorreu mesmo ou foi fantasiada em um momento posterior. Insere nota na qual diz que “é indiferente a questão de escolhermos considerá-la como uma *cena* primária ou como uma *fantasia* primitiva” (FREUD, 1918 [1914], IX). Do segundo tempo, também não é importante se a significação foi a partir de conhecimento obtido através da experiência, ou oriundo de um esquema imaginário filogenético.

Conclui que qualquer combinação dessas quatro variáveis é possível, e, sejam quais forem estas, o resultado será o mesmo e o modo de tratamento também. Assim o objetivo da psicanálise continua sendo tornar conscientes as reminiscências sexuais infantis (IV; IX).

A partir dessa psicanálise, Freud propõe que a atitude a ser tomada é a de que “podemos *igualar fantasia e realidade*; e não nos importaremos, em princípio, com qual seja esta ou aquela das experiências da infância que estão sendo examinadas” (1916-1917 [1915-1917], XXIII, grifo nosso). Contudo, a fantasia não só é equiparada à realidade material, mas passa a ter proeminência sobre esta, pois, “as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva*” (XXIII).

Entretanto, constata-se que, enquanto no tratamento há a valorização da realidade psíquica, na teoria, continua presente a importância da realidade material no pensamento de Freud, em sua proposta quanto à origem filogenética das fantasias primeiras, de “observação do coito dos pais, sedução por um adulto e ameaça de ser castrado” (1916-1917 [1915-1917]/[200-], XXIII). Para Freud, essas fantasias têm suas fontes nas pulsões e se constituem como “um acervo filogenético” (XXIII). Nessas fantasias, “o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primeira naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar” (XXIII). Ou seja, se não é uma verdade ontogenética, é uma verdade filogenética.

“Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia — sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) — foram, em determinada época, *ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica*. Repetidamente tenho sido levado a suspeitar que a psicologia das neuroses tem acumulada em si mais antiguidades da evolução humana do que qualquer outra fonte.” (XIII, grifo nosso)

Vale ressaltar que, em 1911, Jung já defendia a tese da herança filogenética. Como na carta a Freud de 17/10, quando diz que “as chamadas ‘memórias remotas da infância’ não são em absoluto memórias individuais, mas sim filogenéticas” (McGUIRE, p.514). Naquele momento, restringindo estas ao nascimento e ao sugar, porém, acrescentando que “creio que há muito mais coisas a tomar por memórias filogenéticas do que atualmente supomos” (McGUIRE, p.514).

Proposta de Jung, que Freud parece por fim integrar, pois, no Homem dos Lobos, sobre a determinação dos efeitos imediatos à cena, coloca que:

“Se se considera o comportamento do menino de quatro anos em relação à *cena primária reativada*, ou mesmo se se pensa nas reações muito mais simples da criança de um ano e meio, quando a *cena foi realmente vivida*, é difícil descartar a opinião de que algum tipo de conhecimento, dificilmente definível, algo, fosse o que fosse, preparatório para uma compreensão, estivesse agindo na criança, na época. Não podemos formar um conceito sobre aquilo em que poderia ter consistido esse conhecimento; nada temos à nossa disposição, a não ser uma única analogia — e ela é excelente —, a do extenso conhecimento instintivo [*instinktiv*] dos animais. [...] Esse fator instintivo seria então o núcleo do inconsciente, um tipo primitivo de atividade mental, que seria depois destronado e encoberto pela razão humana.” (FREUD, 1918 [1914], IX, grifo nosso)

Ao apelar para o instintivo para explicar as reações concomitantes à cena primeva, Freud parece remeter a questão para o campo da etologia, a fenômenos tais como os citados por Jacques Lacan (1901-1981), em 1946, quanto a imagos eliciando ovulação em pombos.

A dificuldade de Freud para explicar os efeitos imediatos à cena, como também o sonho de angústia, está na consideração de que, por um lado, “a criança, como o adulto, só pode produzir fantasias a partir do material que foi adquirido (Freud, 1918 [1914], V). Por outro lado, no caso de Pankejeff, “o espaço de tempo disponível para a aquisição é curto” (FREUD, 1918 [1914], 5). Penso que, por julgar o tempo de vida curto, Freud não aventa a possibilidade de aproximar a fantasia primeva do simbolismo onírico, principalmente nos sonhos típicos, cujo material é a linguagem e a cultura (FREUD, 1900, V, E).

Portanto, na prática, a realidade psíquica passa a ser equiparada à realidade material, podendo mesmo ter proeminência sobre ela. Com a concepção das *Urphantasien* podendo substituir as *Urszenen*, no desencadamento da *Urverdrängung*, a partir da introdução do trauma narcísico, a fantasia, além de ser concebida como obstáculo, passa a compor também a verdade da etiologia, com participação não restrita à formação do sintoma. No entanto, na teoria, continua necessária,

ao pensamento de Freud, a experiência de eventos objetivos, mesmo que pré-histórica e transmitida pela filogenia.

VERDADE HISTÓRICA, VERDADE MATERIAL E FANTASIA

A primeira ocorrência do termo “verdade histórica” (*historische Wahrheit*), é encontrada na análise que Freud empreende em Leonardo da Vinci (1910/[200-]), a partir de uma de suas primeiras lembranças da infância. Faz analogias, às quais recorrerá várias vezes durante sua obra, entre verdade histórica com realidade vivida e história individual com história de um povo. Ressalta a importância das histórias da infância, pois caso fossem menosprezadas, “cometeríamos uma injustiça tão grande como faríamos se desprezásemos o conjunto de lendas, tradições e interpretações encontradas na história primitiva de uma nação” (II).

“A despeito de todas as distorções e mal-entendidos elas ainda representam a realidade do passado: representam aquilo que um povo constrói com a experiência de seus tempos primitivos e sob a influência de motivos que, poderosos em épocas passadas, ainda se fazem sentir na atualidade; e, se fosse possível, através do conhecimento de todas as forças atuantes, desfazer essas distorções, não haveria dificuldade em desvendar a verdade histórica que se esconde atrás do acervo lendário.” (II, grifo nosso)

Desfazendo-se as distorções lendárias, se chegaria à verdade histórica composta pela experiência e os motivos do passado, que continuariam presentes. Objetivo que Freud busca alcançar, tanto na dimensão histórica coletiva, em textos como *Totem e tabu* (1912-13/[200-]) e *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-1938]/[200-]), como também no plano individual, na prática psicanalítica, ao considerar as “lembranças da infância” ou as “fantasias do indivíduo” (1910, II). É preciso tratar do que o analisante crê se lembrar da infância, pois os “restos de recordações — que ele próprio não compreende — encobrem valiosos testemunhos dos traços mais importantes de seu desenvolvimento mental” (1910, II). Temos aqui a relação entre verdade histórica e traço (*Züge*). São os traços, as marcas lavradas na história pela experiência e os motivos, o que se busca.

Em *Construções em análise* (1937b/[200-]), Freud reafirma sua concepção de que o objetivo do trabalho analítico é o de “induzir o paciente a abandonar as repressões [...] próprias a seu primitivo desenvolvimento e a substituí-las por reações de um tipo que corresponda a uma condição psiquicamente madura” (I). Para se alcançar esse objetivo, “ele deve ser levado a recordar certas experiências e os impulsos afetivos por elas invocados, os quais, presentemente, ele esqueceu” (I, grifo nosso). O analista teria o papel de reconstruir, ou construir, a verdade histórica do sujeito, através de combinações do material apresentado a partir dos sonhos,

das ideias produzidas pela associação livre e pela repetição dos afetos “pertencentes ao material reprimido” (I).

Portanto, eis o que Freud concebe como a verdade histórica: o conjunto formado pela experiência e as pulsões despertadas originalmente — que se coaduna com sua concepção de equação etiológica, constituída como série complementar pela disposição constitucional hereditária e a disposição adquirida pela experiência (FREUD, 1916-17 [1915-17]/[200-], XXIII).

Assim, penso que, na diferenciação feita por Freud entre verdade histórica e verdade material, esta última se restringe às experiências de eventos na realidade material, excluindo os impulsos afetivos originais (fantasias de desejo) e as defesas quanto a esses impulsos (fantasias de defesa, lembranças encobridoras, amnésias etc.). Já a verdade histórica é composta pelas experiências na realidade material e as fantasias de desejo.

Teríamos três fatores: 1) os eventos da realidade material, ou seja, a verdade material; 2) as representações (fantasias) das pulsões, que, junto aos eventos da realidade material, formam a verdade histórica; e 3) as defesas, que distorcem a verdade histórica.

Por conseguinte, a verdade histórica que Freud busca encontrar no tratamento é o conjunto formado pelos eventos experienciados na realidade material e as fantasias de desejo da realidade psíquica (com prevalência desta), por meio do atravessamento das defesas, que também participam da realidade psíquica.

Em apoio a essa diferenciação entre a verdade histórica e a verdade material, reporto-me ao único texto em que essa distinção é apresentada de forma mais explícita, pela primeira e última vez, *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-1938]/[200]), como também à breve referência feita no *Pós-escrito*, de 1935, a *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]/[200-]), no qual escreve:

“Em *O futuro de uma ilusão* exprimi uma avaliação essencialmente negativa da religião. Depois, encontrei uma fórmula que lhe fazia melhor justiça: embora admitindo que sua força reside na verdade que ela contém, mostrei que a verdade não era uma verdade material mas histórica.” (Pós-escrito)

Em *O futuro de uma ilusão* (1927/[200-]), ao analisar o papel de Deus na proibição do homicídio, Freud considera que a doutrina religiosa está certa, porta a verdade histórica. E a verdade histórica é que o pai primordial “constituiu a imagem original de Deus, o modelo a partir do qual as gerações posteriores deram forma à figura de Deus. Daí a explicação religiosa ser correta” (VIII). Os fatos contidos nas doutrinas são verdades sob “uma roupagem simbólica” (p.59). Pois, “a doutrina religiosa nos conta a verdade histórica — submetida embora, é verdade, a certa modificação e disfarce” (VIII). Considera então que

“o cabedal de ideias religiosas inclui não apenas realizações de desejos, mas também importantes reminiscências históricas” (VIII).

Baseado na afirmação do *Pós-escrito*, de 1935, de que a explicação religiosa porta a verdade histórica e não a verdade material, concluo que, caso a explicação dos crentes contivesse a verdade material, teria sido Deus de fato quem efetuou a proibição. Já a verdade histórica é composta pela experiência na realidade material do pai primordial e o assassinato deste (verdade material) somada aos impulsos afetivos a essa experiência. Verdade histórica que teria sido alterada a posteriori.

No texto sobre Moisés (1939 [1934-1938]/[200-]), a diferença entre verdade histórica e material é apresentada durante a análise da ideia de um deus único, aceita pelos “crentes piedosos” como “parte da *verdade* eterna” (G). Freud considera, tal como no *Pós-escrito*, que a explicação dos crentes contém a verdade, “mas a verdade histórica, não a verdade material” (G). Verdade histórica que, seguindo uma linha de raciocínio similar a anterior, foi deformada em seu retorno. Corrigindo-se essa deformação, a verdade histórica é que teria havido não um grande deus único, mas “uma pessoa isolada que estava fadada a parecer imensa na época e que, posteriormente, retornou na memória dos homens, elevada à divindade” (G).

Assim, a verdade histórica é que uma pessoa (realidade material) que parecia imensa na época (fantasia original) foi posteriormente elevada à divindade (fantasia deformante).

Portanto, entendo que nesses dois textos:

A. Verdade material coincide com realidade material. Mas verdade histórica não se restringe à realidade psíquica, ou seja, a verdade histórica engloba a realidade material (ou verdade material) e a realidade psíquica (fantasia).

B. Realidade psíquica é composta pela fantasia pulsional, como também pela formação psíquica distorcedora.

C. Para se chegar à verdade histórica, há que se desfazer da formação adúltera posterior para se alcançar a fantasia original e o evento real.

Portanto, transpondo essas conclusões para o campo da clínica psicanalítica, confirma-se que verdade histórica vem a se estabelecer no pensamento de Freud como o evento na realidade material (verdade material) somado às fantasias de desejo, subtraindo-se as defesas. Já a verdade material é a verdade histórica desnudada das fantasias de desejo e das defesas:

$$\begin{aligned} \text{Verdade Histórica} &= (\text{Verdade Material} + \text{Fantasia de Desejo}) - \text{Defesa} \\ \text{Verdade Material} &= \text{Verdade Histórica} - (\text{Fantasia de Desejo} + \text{Defesa}) \end{aligned}$$

Assim, na prática psicanalítica, a verdade histórica buscada não se reduz à realidade material, pois as fantasias de desejo possuem valor exponencial em relação aos eventos reais.

CONCLUSÃO

Não há como ser mensurado quanto dos ataques à psicanálise provêm do medo a Freud, fantasiado como Bicho-papão que revolve, qual Orcus, os infernos das paixões infantis, ainda pulsantes sob a pele do adulto. Entretanto, no desenvolvimento de seu pensamento, Freud se assemelha mais a Janus, trabalhando na dupla perspectiva do biológico e do psíquico, que se condensam no conceito de pulsão.

Na teoria, a fantasia deixa de ter somente função de defesa quanto à verdade, ganhando progressivamente papéis na constituição da verdade, com participação crescente na etiologia. Na prática, a construção é ressaltada em relação à interpretação, ou seja, a criação se destaca em relação ao descobrimento. Passa a ser menos importante, no tratamento, estabelecer o contexto objetivo da experiência, do que localizar o início do conflito, isto é, o porquê, os motivos do conflito pulsional, e o para quê, a finalidade da defesa.

Entretanto foi demorado o assentimento por Freud quanto à amplitude do papel etiológico da fantasia. É manifesto seu pendor pela arqueologia — incidentalmente a profissão de Norbert Hanold, em *Gradiva* — que pode ser constatado por suas analogias entre o trabalho do arqueólogo e do psicanalista, como também pela sua paixão por estatuetas ancestrais. Contudo soube se deixar guiar pelas características do seu objeto de estudo, passando a visar menos a descobrir a verdade material, como arqueólogo, do que a possibilitar a reconstrução ou a construção pelo analisante de sua verdade histórica, como poeta, ao concluir que, em extensão maior que imaginara, somos, de fato, feitos da mesma substância dos sonhos. Na prática, o desejo de trabalhar com o material concreto do cientista positivo é revisto, passando a incluir cada vez mais o material diáfano da *Psyché*, que, ladeada por *Eros* e *Thánatos*, no abrir e fechar suas asas de borboleta, aparece e desaparece, como miragem. O que parece ser uma sina da qual Freud busca se livrar desde o tempo do tratamento catártico, cujos relatos de casos lhe pareciam mais contos.

No entanto, com o recurso à fantasia filogenética, o objetivo de ter uma base material para sua teoria *fluctuat nec mergitur*. Pois, nessa concepção, continua presente a realidade material do evento, suposto desde a teoria da sedução, agora transmitido pela biologia. Necessidade teórica que penso ser decorrente da generalização de que a fantasia é formada a partir de estímulos perceptuais, tal como pensada na elaboração do sonho. Todavia, continua em aberto a questão de por que Freud, para explicação da fantasia primeva, considerou curto o tempo

de vida de Pankejeff, não recorrendo, por isso, à materialidade da linguagem e da cultura, como já proposto para o simbolismo no sonho, em vez do apelo à biologia.

Considerando a importância da verdade em Freud, é notável que à diferenciação entre verdade histórica e verdade material, somente sejam feitas duas breves e tardias abordagens em toda a sua obra, a partir de 1935, como também que essa diferença seja tratada em textos sociológicos, e não clínicos. Talvez isso se deva ao fato de ter constatado que essa distinção, por importante que seja no que tange à história coletiva, tenha menos implicações no âmbito da história individual. Ou pela relutância a concluir que a verdade na psicanálise, enfim, não é uma verdade material.

Recebido em 18/5/2009. Aprovado em 15/7/2009.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. [200-] *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM. Não paginado.
- (1898). O mecanismo psíquico do esquecimento, v. 3;
- (1899). Lembranças encobridoras, v.3;
- (1900). A interpretação dos sonhos, v. 4-5;
- (1905 [1901]). Fragmentos da análise de um caso de histeria, v.7;
- (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos, v.10;
- (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância, v.11;
- (1912-13). Totem e tabu, v.13;
- (1918 [1914]). História de uma neurose infantil, v.17;
- (1916-1917 [1915-1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise, v.15-16;
- (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, v.19;
- (1925 [1924]). Um estudo autobiográfico, v.20;
- (1927). O futuro de uma ilusão, v.21;
- (1933 [1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, v.22;
- (1937a). Análise terminável e interminável, v.23;
- (1937b). Construções em análise, v.23;
- (1939 [1934-1938]). Moisés e o monoteísmo, v.23.
- LACAN, J. (1946) *Propos sur la causalité psychique*, in *Écrits I*. Paris: Points, 1999.

McGUIRE, W. (Org.) (1974) *Freud/Jung correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MASSON, J. (Org.) (1985/1986) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.

Marcos Chedid Abel
mc.abel@ig.com.br